

## CRÍTICA DE POESIA

### «A NOITE É CÚMPLICE», DE NOEL DE ARRIAGA E «BATUQUE», DE A. NEVES E SOUSA

É condição da nossa poesia adiantar-se e atrasar-se no tempo sem que dêem por isso os próprios poetas. A condição lírica faz parte da nossa natureza e posto não baste a condição lírica para se dizer de alguém que é poeta — também a condição humana não basta para fazer de um homem um verdadeiro homem —, não há dúvida de que em Portugal custa menos escrever versos que escrever prosa. Eis por que não causa surpresa vermos coexistir na nossa república das letras, vozes tão díspares e tão desacertadas como as daqueles que ainda dizem em verso o que está dito e redito e as daqueles que já querem dizer o que ainda se não sabe se alguma vez chegará a dizer-se.

Encontra-se a crítica numa situação difícil quando a fazem apreciar paralelamente uma poesia já feita e uma poesia que ainda não saiu do limbo. É como nestas coisas de juízo imediato, como não pode deixar de ser a actuação crítica exercida em jornais, o que se pede antes de mais nada é opinião sobre livros e autores, aqui estamos nós obrigados a dar parecer a respeito de obras cujo mérito absoluto depende mais das circunstâncias do meio do que da condição lírica propriamente dita. É válida, é mesmo indiscutivelmente válida a condição lírica de um poeta como Noel de Arriaga, que acaba de nos dar mais um livro, luxuosamente editado com a colaboração um pouco heterogénea de vários plásticos. Se nos perguntarem, porém, se a validade desta condição lírica mantém as suas prerrogativas num panorama poético em que deixaram de constituir ineditismo as características assinaladas nos versos deste autor teremos de responder que não. Eis como, em si mesmos, os valores líricos de *A Noite é Cúmplice* representam algo que perde o seu significado quando em confronto com valores objectivos e de significado histórico. No panorama da poesia portuguesa um livro como o de Noel de Arriaga é um caso de sobrevivência lírica antes de mais nada. O tipo de poesia cultivado nessas páginas fez época, teve os seus representantes categorizados, numa palavra esgotou-se enquanto forma de expressão objectivamente considerada. Isto não quer dizer, porém, que os versos de *A Noite é*

Por JOÃO GASPAR SIMÕES

*Cúmplice* não tenham o seu mérito e que o seu autor, em relação a si próprio, não haja progredido e não tenha encontrado, mesmo, a perfeita articulação dos seus dons. Na sua já vasta obra publicada *A Noite é Cúmplice* constitui, sem dúvida, um escalão elevado e não podemos deixar de

reconhecer ao seu autor méritos indiscutíveis. Uma coisa, porém, é o que a crítica pensa de um livro isolado no tempo e no espaço, outra o que ela é obrigada a pensar colocar esse livro na cronologia e na história literária.

Eis o que acontece, igualmente, com *Batuque*, de A. Neves e Sousa, editado em

(Continua na página 14)

#### A PROPÓSITO DUMA CRÍTICA

## VERGILIO FERREIRA responde a Pinheiro Torres

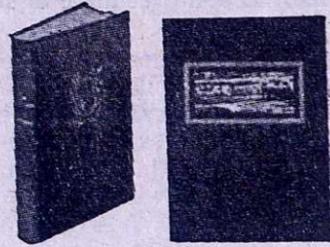
Com certa surpresa minha e de muitos outros leitores, Alexandre Pinheiro Torres, ao criticar *Rumor Branco* de Almeida Faria, lembrou-se de se referir largamente, e com manifesto desgosto, a alguns livros meus. Deu-se mesmo ao luxo de uns toquezinhos de facécia que lhe percorre nervosamente toda a prosa como uma cócega... Como me chega a notícia terrorista de que o temeroso Inquisidor me prepara uma tunda pessoal, reservo para então a resposta que porventura a tunda me mereça. Entretanto julgo útil frisar desde já uma meia dúzia de questões:

1 — Em face do «talento excepcional» de Almeida Faria, Alexandre Pinheiro Torres, pelo menos como artista, é evidentemente um medíocre. Estranho mesmo que uma alma caridosa ainda lho não tivesse dito discretamente ao ouvido, evitando assim que eu lho dissesse aqui em público. E porque falo eu nisto? Porque é desta massa de artistas falhados que normalmente se fazem os críticos azedos, ressentidos por uma desgraça de que ninguém teve a culpa. Mas o ser-se medíocre devia obrigar precisamente à modéstia e moderação de linguagem. Deste modo, se Alexandre Pinheiro Torres não está por isso forçado a elogiar toda a gente, não é bonito que venha falar de cátedra, ainda que traga o Vossler e o Bally debaixo do braço. Que após a tarefa que propinou a um certo director espiritual lá do Norte, Pinheiro Torres se julgue com automático direito ao desempenho das mesmas inquisitoriais

funções é talvez abusivo e pouco edificante. É certo que se trata de um episódio da luta pelo poder, vulgar nos tempos que correm.

2 — Num *soi-disant* colóquio de há tempos, um pobre crítico de ocasião já teve a curiosidade de saber se lá por Évora havia assim pessoas com bossa para aquelas conversas de que se conta em «Aparição». Aqui para nós, aquilo era uma pergunta de parolo... Pinheiro Torres, bons deuses, volta a formulá-la. Que diabo! Então este crítico, que ainda usa a velha palmatória, não sabe ainda que a «verosimilhança» de um romance tem que ver é com a organização interna dos seus elementos? Então não se está a ver que ele é que pre-

(Continua na página 4)



«DEUSES E DEMÓNIOS DA MEDICINA» — Biografias romanceadas, de Fernando Namora — Prefácio do Prof. López Ibor — 3.ª edição, refundida e ampliada — 1.º volume — 317 págs. — Editora Arcádia — Lisboa, 1963

É, praticamente, um novo livro de Fernando Namora esta reedição do seu único trabalho de divulgação científica. Para lá da acessibilidade que era já timbre da 1.ª edição, sem prejuízo do escrupulo científico, apresenta a obra, agora refundida e ampliada, bem maior pormenorização de factos e ideias, a tal ponto que transcende o plano da vulgarização para nos dar autênticos quadros histórico-sociais da medicina, desde a idade clássica aos tempos modernos. Estudo atento, minucioso e inteligente, tem ainda, sobre tal, o encanto da prosa fluente e inspirada de Fernando Namora, a sua lúcida visão crítica dos fenómenos e profunda apreensão das vivências humanas. O médico na sociedade, através dos tempos, eis uma aliciente perspectiva desta obra, valorizada por um interessante prefácio do prof. López Ibor, da Universidade de Madrid.

T

O RAPOSO, de D. H. Lawrence — Tradução de Alexandre Pinheiro Torres — Capa de Infante do Carmo — 155 pgs. — Coleção Miniatura — Editorial Livros do Brasil

David Herbert Lawrence é um dos mais importantes escritores ingleses, que igualmente ocupa um lugar de destaque na literatura universal. A actualidade e relevância dos problemas que aborda, tanto como a perspectiva moderna e

## RECENSÕES CRÍTICAS

original com que os encara, além da força e beleza do estilo, impuseram-no em todo o mundo. Mesmo entre nós, habitualmente atrasados, os seus livros tornaram-se bastante conhecidos, através das várias traduções publicadas que, abrangem já as suas principais obras.

Com a edição de «O Raposo», Livros do Brasil apresentou um belo livro, a todos os títulos digno de Laurence.

A tradução de Alexandre Pinheiro Torres é correcta e fluente.

D.

ALBERT CAMUS, de Jean-Claude Brisville — Tradução de Rui Guedes da Silva — Capa de António Charrua — 288 pgs. — Coleção Biografia de Bolso — Editorial Presença

Com este estudo sobre Albert Camus, da autoria de Jean-Claude Brisville, inicia a Editorial Presença uma colecção de biografias, que se destina a proporcionar ao leitor o conhecimento das grandes figuras do pensamento, das artes e da ciência. O volume inclui, além de uma biografia propriamente dita, um estudo crítico e uma antologia dos textos mais significativos de Camus.

O estudo de Brisville atinge um nível excepcional, convidando por forma aliciente ao convívio próximo com Albert Camus, um dos mais ilustres nomes da literatura francesa contemporânea.

É de salientar a cuidada e bela tradução de Rui Guedes da Silva.

D.

ERICA E OS IRMÃOS, de Elio Vittorini — Tradução de José António Machado — Capa de António Charrua — 175 pgs. — Coleção «O Livro de Bolso» — Portugal Editora

De entre os escritores italianos que se impuseram no pós-guerra, Elio Vittorini é dos que maior êxito alcançou em Portugal, através da tradução de algumas das suas principais obras.

Os seus leitores ficarão, no entanto, surpreendidos com este livro que, no tema, e, acima de tudo, no processo narrativo, difere bastante dos posteriores. Trata-se de um preâmbulo de um romance, e não de uma novela como pode parecer, que o autor interrompeu e que não chegou a concluir, devido às alterações que o decorrer do tempo introduziu no seu estilo e na sua perspectiva de escritor.

«Erica e os Irmãos» é um livro antigo, escrito em 1936, que vem revelar novos e interessantes aspectos da obra de Vittorini.

D.

UM GRANDE ACONTECIMENTO EDITORIAL

**COLEÇÃO PORTUGÁLIA**

BIBLIOTECA DE ESTUDOS SOBRE A VIDA PORTUGUESA

Já foi distribuído o volume n.º 2 da série

MOVIMENTOS IDEOLÓGICOS

**TEMAS OITOCENTISTAS-II**

PARA A HISTÓRIA DE PORTUGAL NO SÉCULO PASSADO

ENSAIOS DE JOEL SERRÃO

Sumário

I — NOITE NATURAL E NOITE TÉCNICA

II — SOBRE O APOGEU E O DECLÍNIO DO ROMANCE NATURALISTA

III — EM TORNO DA EXPERIÊNCIA OITOCENTISTA DO TÉDIO

IV — PISTAS, SONDAGENS, ESBOÇOS

Volumes já publicados:

**A CRISE DA CONSCIÊNCIA PEQUENO-BURGUESA**

I — O NACIONALISMO LITERÁRIO DA GERAÇÃO DE 90

Por AUGUSTO DA COSTA DIAS

**AS POLÉMICAS DE CAMILO — VOL. I**

com os textos integrais de Camilo e dos seus adversários

RECOLHA, PREFÁCIO E NOTAS DE ALEXANDRE CABRAL

**PORTUGÁLIA EDITORA**

AVENIDA DA LIBERDADE, 13-3.º — LISBOA

# MEMÓRIA DE ROBERT FROST

(Continuação da pág. 1)

conferida pelo Congresso ao vate norte-americano «como reconhecimento da sua contribuição para as Letras Americanas».

Através de toda a sua vida, Robert Lee Frost embrenhou-se na tarefa, dupla e única, de descobrir a sua própria nação e o mundo. No local procurou o universal, daquele partia para este, fundindo a sua experiência num resultado único.

Tal como a pátria que o criou, em que uma das linhas de força da sua personalidade existencial é «a unidade na diversidade», também o conjunto dos seus poemas, qual mosaico literário, está impregnado duma diversidade unificada. Cada um é diferente do outro e, contudo, semelhantes entre si. São a obra dum homem que nunca deixou de se explorar e de explorar o mundo. A alma do pioneiro norte-americano, símbolo do progresso da nação, vive em si, como vive em todo o Ser que luta pelo triunfo, que se bate pela graça derradeira de inovar. Além disso, tem tido a consciência de que tudo aquilo que o seu espírito abarca e que dele faz parte, sendo «sui generis», é também verdadeiro para os seus semelhantes. Frost confia nos seus próprios sentimentos, dúvidas, certezas e estímulos. Fala-nos do mundo em que vive, mundo que considera igual para todos, excepto no que diz respeito às possibilidades de cada um em apreciá-lo e observá-lo a seu modo — mundo tão agreste quanto vasto, perigoso, duro, mas familiar pelo contacto, que todos podemos partilhar e amar no bom e no mau, no inteligível e no ininteligível.

A obra de Robert Frost exemplifica o facto de que os bons poetas se aperfeiçoam com a idade. O bom poeta nunca se cansa do papel que representa no palco da vida, conhece sempre mais e melhor à medida que o tempo passa, e acha perfeitamente natural afirmá-lo em novos termos, segundo novos prismas. Como o próprio Frost o exprime,

«O meu objectivo na vida é  
[coordenar  
A minha distração e a minha  
[vocação.»

O poeta em Frost nunca foi diferente do homem, ou o homem do poeta: viveu simultaneamente dentro e fora da sua poesia, e jamais estes dois caminhos interferiram um com o outro. Pelo contrário, ambos colaboraram, permitindo assim a justeza de significado dos seus poemas, significado inalterável mesmo que o veículo de comunicação fosse qualquer outra linguagem que o poeta tivesse escolhido. Não precisamos de concordar com tudo que nos diz para lhe admitirmos a sabedoria. O que acontece é que se sentia sábio, e se nos figura como tal, porque estava seguro do seu conhecimento.

O seu assunto é o mundo: um lugar imenso e implacável que os homens nunca compreenderam inteiramente, como não se compreendem a si próprios.

Se peregrinarmos pelos alicerces filosóficos da sua obra, verificaremos a existência de muitíssimos pontos de contacto com a filosofia do grego Heraclito, que viveu quinhentos anos antes de Cristo. Ambos vêem o mesmo mundo e o seu fim é igual ao seu princípio; os baixos são altos e os altos são baixos, o novo é velho e vice-versa, e a disputa é justiça. Pelo menos, nada sabemos sobre a justiça se nada soubermos sobre a disputa; é a tensão que mantém o equilíbrio e se os antagonistas não puderem sentir-se na escuridão, não há qualquer possibilidade de luz. «Boa guarda faz o bom vizinho» — cada um sabe onde está e o que lhe pertence,

«Move-se na escuridão como  
[me parece,  
Não dos bosques apenas e da  
[sombra das árvores.  
Não irá atrás do ditado de  
[seu pai,  
E gosta de pensar nele igual-  
[mente  
Repetindo, «Boa guarda faz o  
[bom vizinho.»

Sem um muro entre nós, cada um confundir-se-ia com o próximo e deixaria de existir.

Robert Frost nunca define claramente determinados conceitos. Prefere sugerir, criando mesmo nos seus poemas seqüências de sugestão contraditória e deixando o leitor em presença duma oposição — duas coisas ou pessoas olhando-se através dum muro. Frost é um poeta de «contrários», vivendo da oposição entre duas partes, oposição que sobressai da própria existência.

Como filósofo, não assume a atitude do auto-suficiente que tudo julga saber. A sua visão é a visão cómica que duvida mesmo de si própria. O génio cómico nada ignora que pareça verdadeiro, ainda que, por vezes, o verdadeiro seja relativo.

«A base de toda a fé é a dor  
[humana —  
Nada nos resta senão a injustiça,  
[fiça,  
Nenhuma opção é deixada ao  
[poeta, ajuntemos,  
Senão como aceitar a maldição,  
[trágica ou cómica.»

A escolha de Robert Frost é evidente. O seu humor, um predicado indispensável em qualquer grande poeta, é, no seu caso, indicio de que decidiu ver tudo o que pode ver. Naturalmente, nenhum homem consegue abarcar com a sua visão o mundo inteiro, mas o homem mais pobre é aquele que se cega a si próprio. Não tenhamos dúvida de



Frost

que há uma verdade fundamental nos versos seguintes, extraídos dum dos poemas de Frost que tão bem exemplifica a sua própria filosofia,

«..... porque abandonar uma  
[crença  
Simplesmente porque deixa de  
[ser verdadeira.  
Agarremo-nos a ela com per-  
[sistência, e não há dívida  
Que será novamente verdadei-  
[ra, pois assim a aceitamos.  
A maioria das mudanças que  
[julgamos ver na vida  
Deve-se a verdades certas e a  
[outras relativas.»

O homem que conciliou em si o talento do poeta e a sabedoria do filósofo deu-nos lições admiráveis na difícil arte de existir. Orgulho da sua pátria, Robert Lee Frost foi também motivo de legítimo orgulho para a raça humana, que serviu como só um grande poeta pode servir.

GERVÁSIO ÁLVARO

## DESAPARECEU FRANCIS POULENC

Desapareceu mais uma figura do célebre «Grupo dos Seis» que se reuniu à volta de Erik Satie, e de que fizeram parte além de Poulenc, Arthur Honegger (também já desaparecido) Georges Auric, Darius Milhaud, Louis Durey e Germaine Tailleferre. Animado pelo irrequieto espírito estético de Jean Cocteau, quando «enfant-terrible», este grupo, musicalmente, foi vinculado pelas influências de Chabrier, de Strawinsky e, escusado será dizê-lo, de Erik Satie. Verdadeiramente o «Grupo dos Seis», nascido por acaso, apenas teve a sua manifestação colectiva em 1921, no Teatro dos Campos Elíseos no dia memorável dos Ballet Suecos de Rolf de Maré em que levaram o escândalo ao máximo do «épater le bourgeois», de Paris, com o célebre espectáculo «Les Mariés de la Tour Eiffel» que Jean Cocteau, um dos organizadores, definiu por estes termos: «Ballet? Não. Peça? Não. Revista? Não. Tragédia? Não. É antes uma espécie de casamento secreto entre a tragédia antiga, o coro e o music-hall. Era o terceiro ano do após guerra de 14-18!

Individualmente, Francis Poulenc (igual a qualquer outro do «grupo», incluindo o académico Cocteau), não possuía esse espírito de irreverência que no fundo tinha o fulcro na presença forte, inconfornista e impenetrável de Erik Satie. A sua estética não é propriamente revolucionária e, como músico executante, foi um disciplinado e excelente pianista. O seu famoso «Duo» com o cantor Pierre Bernac, que várias vezes nos visitou foi dos conjuntos mais interessantes que se formaram na sua época e alcançou por isso um legítimo êxito mundial. Do carácter da sua música, cuja composição mais divulgada foi a peça para piano, «Movimentos Perpétuos», Hélène Jourdan-Morhange diz: «Não devemos ter ideias preconcebidas quando ouvimos a música de Poulenc», e Darius Milhaud afirma: «Não conheço música mais directa, mais simplesmente expressa e que vá direito ao fim com tanta certeza». Francis Poulenc nasceu em 1899.

Vergílio Ferreira

## VERGÍLIO FERREIRA CONTRA PINHEIRO TORRES

(Continuação da pág. 3)

«... cisava de palmatoadas? Como diabo é que este sujeito tem lido romances e visto pintura? A fiscalizar as parecências? Em todo o caso, à sua curiosidade de ingénuo sempre direi que no Alentejo não há apenas suínos... Todas as discussões de «Aparição» aconteceram na realidade. Pois imaginava o provocador Pinheiro Torres que o ler-se, o pensar-se, era um exclusivo das terras por onde ele, Pinheiro, passa? Imaginava o bom do homem que se em Évora alguém descobre um Sartre ou um Hegel, tem logo de informar-se onde vive o grande Pinheiro e de procurá-lo, para se travar de cavaqueira com ele?

3 — No pomposo dissertar sobre indisciplina e experiências, Pinheiro Torres abarca um horizonte de um século, para nos significar que tem boa vista e que a coisa já vem de longe, sendo pois uma velharia pela razão evidente de ser velha. Ora em primeiro lugar, e com perdão do seu saber, eu que não sou crítico e não tenho pois grandes responsabilidades na direcção espiritual dos povos, acho sinceramente que abarcar só um século é já ter a vista curta. Em segundo lugar, não percebo como deixar de admirar a generalidade dos autores que a admiram, lá porque as suas «ex-

periências» têm já um século de vida. E quanto à avózinha que era escritora e fazia tais experiências em casa, tenho de concluir que além dela, só duas personagens as não fazem na rua: Deus Padre e, pelos vistos, o próprio Pinheiro Torres. Um e outro, com efeito, não são modestos e atiram-se logo a obra definitiva. Mas quanto ao Deus Padre, já Van Gogh anotou que o que ele fez foi um estudo que lhe saiu muito mal. Estará o pobre Torres convencido de que o dele lhe saiu melhor? De que aquilo que nos tem propinado é por direito uma obra definitiva?

4 — Eu não queria esmiuçar a série de disparates de que este senhor nos abastece e sempre doutoralmente. Mas com franqueza: então a gente há-de suportar uma vez mais essa parlapatice do «progresso da arte»? Então este sujeito douto ainda está convencido de que Homero e Esquilo e Sófocles são inferiores a quem ele quiser — incluído ele próprio?

5 — Finalmente por hoje: o que revolta Pinheiro Torres, cristão-novo do neo-realismo, é que alguns jovens se tenham interessado pelos meus livros. Eu estava no entanto bem longe de supor que não preferiam os dele. Com franqueza: terei eu culpa disso? Além de que tudo pode explicar-se por uma daquelas tontices tão

próprias da juventude e de que na idade madura vão decerto arrepender-se, regressando ao bom senso e aos livros de Pinheiro Torres. Será pois caso para tanta zanga? Que Torres portanto não desanimes, se tem de facto a loja às moscas. De uma coisa, porém, o previno desde já e é que, se quer realmente angariar freguesia, não me parece muito prático ter apenas lá na tenda catecismos para parolos...

K. H. POPPE

A GUERRA DAS BANANAS

Um romance-documento impressionante sobre as convulsões políticas que agitam a América latina. 35\$00

Publicações Europa-América R. das Flores, 45—LISBOA-2

CONVITE PARA JANTAR

O mundo feminino visto pela grande escritora realista ALBA DE CÉSPEDES 25\$00

A REVOLUÇÃO FRANCESA

Uma notável interpretação sociológica por PAUL NICOLLE 15\$00

TEORIA DA LITERATURA

A mais completa introdução ao estudo da arte literária publicada em Portugal, da autoria dos professores americanos RENÉ WELLEK e AUSTIN WARREN. 75\$00